

Resposta aos integralistas

Respondo aqui ao escritor Tasso da Silveira, aos jornais que me atacaram, entre outros *O povo e Ação* e as cartas que recebi a propósito dos meus artigos “O catolicismo e os integralistas” e “Integralismo, mística desviada”.

A Tasso da Silveira: seu artigo não me convenceu coisa alguma. Através [d]o mesmo transparece a tese erradíssima de que ao comunismo deve-se opor o integralismo: tese perigosa, anticatólica. Tasso da Silveira declara que eu fracassei ao citar no meu primeiro artigo a palavra pontifical, porquanto o Papa recomenda nas encíclicas a criação do Estado Corporativista. Que faça, portanto, o obséquio de citar em que trecho dos meus artigos se lê uma linha, que seja, contra o Estado Corporativista. Na mesmíssima encíclica *Divini Redemptoris*, que ele cita com o evidente propósito de querer “me abafar”, o Papa escreve: “Se se pretende alcançar essa finalidade [desviar os povos do comunismo]¹ com meios puramente econômicos e políticos, cai-se na trama de perigoso erro. Nem a força, ainda a mais bem organizada, nem os ideais da terra, sejam embora os maiores e os mais nobres podem dominar um movimento, que tem por base precisamente a

demasiada estima dos bens terrestres”. O Papa apela para o Estado, no sentido de que este não entrave a ação espiritual da Igreja. Ora, no atual regimento político brasileiro, a Igreja goza de liberdade, constando mesmo da nossa carta política a tese de uma colaboração entre os dois poderes.

Não digo que a ação da Igreja não seja entravada, porque sei que o é por este ou por aquele motivo: mas, no caso presente, não o é pela hostilidade do Estado brasileiro. O integralismo, além de pretensioso, é pleonástico. Pretende vir a restaurar a dignidade e a moral das famílias por meio de suas idéias e da disciplina de partido invadindo um terreno que de direito pertence à Igreja. A ação integralista rouba parte das atividades próprias à Igreja e parte das atividades próprias à polícia. É pleonástico porque prega as idéias tradicionais que são fortemente prestigiadas pelo regime atual. Com efeito, o nome de Deus encabeça a nossa Constituição. O clero é respeitado e, mesmo, constantemente homenageado pelo governo. O conceito de pátria tem sido vastamente desenvolvido pela propaganda nos jornais, nas escolas, nos cinemas, na praça pública. A legislação brasileira apóia e defende a estrutura básica da família. Para que, portanto, um partido cujo chefe e cujos jornais usam a todo o instante uma linguagem anticristã, que falam freqüentemente em “prestação de contas” e na perseguição implacável aos adversários?... Para que essa ostentação antidemocrática e antibrasileira de força, essas paradas militarizadas, esses comícios que semanalmente enlutam a família brasileira – para que, enfim, essa germanização da política nacional?... Fala-se muito no agente de Moscou, mas não se fala no agente de Berlim, nessa atmosfera de terror que o integralismo desencadeou ultimamente entre nós.

Tasso da Silveira, como todos, de resto, que falavam a favor do integralismo, cita a Espanha.

É preciso agir para que não se reproduza aqui a matança de padres e o incêndio de igrejas. *É justamente porque reflito sobre a Espanha* que receio que o integralismo, caso tome o poder, venha a criar em nós um grande movimento anticlerical. Os fanáticos do integralismo (isto recuma [sic] claramente do artigo de Tasso) no seu deslumbramento messiânico, não reparam que a corrente antiintegralista avoluma-se dia a dia, criando dificuldades imensas ao partido se ele tomar o poder. O clero teria certamente uma participação muito pronunciada no governo. Ficaria focalizado, não como um agente espiritual, mas como um agente político. Ora, o principal trabalho da Igreja Católica na época atual consiste em libertar-se de incômodos compromissos de ordem política e temporal e que entravaram durante três séculos a obra da evangelização. *A libertação da Igreja só poderá ser realizada pela Ação Católica, que é a continuação da obra da Redenção através dos tempos* – e não pela sua aliança com partidos políticos, mesmo que estes contenham idéias excelentes, idéias rigorosamente católicas.

Tasso da Silveira descreve no seu artigo o mal-estar e a confusão do mundo moderno, e depois aplica o remédio para o Brasil: Integralismo! Seus argumentos, antes de serem irrespondíveis, como afirma, são o que há de mais “respondível”. Mas talvez não valha a pena, porque o clarão integralista ofusca todas as inteligências do sigma...

A ação fascista e reacionária de Gil Robles como ministro da Guerra precipitou a revolução espanhola, atraindo para o clero o ódio da massa. O resultado foi o que se viu e o que se vê. Evitemos isto no Brasil. É indigno para um cristão

o repousar sua confiança na força material. Tenhamos sempre os olhos fixos no nosso único Mestre, que desarmou o braço de S. Pedro e triunfou da milícia romana, tapeando os soldados que montavam guarda ao seu Sepulcro.

Vingança! Justiça! Ódio aos comunistas! Matemos os judeus! gritam os sigmáticos. Amor! Perdão! Clemência! Amemos nossos adversários! Preguemos-lhes a beleza e a universalidade do Evangelho! Adotemos o grego, o bárbaro, o russo, o judeu, o operário escravizado e lhes mostremos a superioridade da doutrina de Cristo encarnada na Igreja – devem responder os católicos. Porque, assim como os primeiros cristãos absorveram dialeticamente o helenismo e o judaísmo, assim nós, católicos, devemos absorver o fascismo e o comunismo, incorporando-os na corrente universal da redenção que arrasta, consciente ou inconscientemente, os homens para o Cristo “que era ontem, é hoje e será para sempre em todos os séculos” (Hebreus 8, 8).

* * *

O povo e outros jornais pretendem que eu queira dar lições ao clero brasileiro, insinuando que eu me insurgi contra a autoridade da Igreja. Não pega. Todos os católicos (inclusive bispos) que têm doutrinado sobre o integralismo, acentuam que o fazem individualmente como particulares e não como pastores ou como membros da Ação Católica. Se eu concordar, por exemplo, com o Padre Leopoldo Aires, que afirma (*A ofensiva*, 25/jul) ser a Ação católica *improdutiva e extemporânea* diante das atividades do comunismo ateu, estarei certamente *contra o Papa*. Se concordar com o Bispo de Aterrado, quando escreve (número de junho da *A União*

dedicado ao comunismo) que “o integralismo é o único meio de ação atualmente capaz de impedir a derrocada tremenda que ameaça a religião e a pátria”, continuarei a estar *contra o Papa*. O clero brasileiro não são alguns padres e bispos. E eu me pronunciei contra os mesmos, *não como membro da Ação Católica, mas na minha qualidade de particular*.

Alguns estranharam que eu tenha me referido “de maneira duvidosa” ao grosso capitalismo e à propriedade burguesa. Declaro, portanto, para evitar confusões, que acato como autêntica, justa e equilibrada, a doutrina da Igreja sobre a propriedade. Exatamente por isto é que posso com toda a calma escrever que o direito de propriedade tem limites distinções [sic] suficientes para corrigir os erros e deformações do grosso capitalismo, que levaram em grande parte o mundo à presente ruína econômica. Isto se depreende de vários documentos de Papas e teólogos. Acredito que o atual regime político brasileiro disponha de forças suficientes para corrigir os erros da economia liberal, visto que a legislação social prevê uma intervenção do Estado na organização do trabalho, competindo à Igreja cristianizar os novos institutos que vão nascendo. E que o advento do integralismo agravaria o conflito do indivíduo diante do Estado onipotente – um dos males principais que a Igreja se esforça por debelar.



Notas

¹ Colchetes acrescentados por Murilo Mendes. (N.E.)